

## Por uma leitura histórica dos debates entre sociólogos e historiadores (Simiand vs Seignobos)

---

*Rosenilson da Silva Santos<sup>I</sup>  
Antonio Manoel Elíbio Júnior<sup>II</sup>*

**Resumo:** Objetivamos neste ensaio investigar a emergência da concepção de “positivistas” associada aos historiadores do século XIX, em especial, em relação a Chales Seignobos e sua obra. Para tanto, nos voltamos às discussões epistemológicas que ocorreram do final do século XIX ao início do XX, especialmente entre François Simiand e Charles Seignobos, mas também às suas ressonâncias contemporâneas. O texto se divide, além das introdução e conclusão de costume, em três sessões; na primeira, apresentamos, de modo sumário, os desacordos entre Paul Lacomb e Seignobos; na segunda, percorremos os debates entre esse último e Simiand e, por fim, uma tentativa de imersão no contexto de discórdias entre História e Sociologia, atentando para o panorama intelectual da época e, sobretudo, para o contexto social.

**Palavras-chave:** Sociologia – História – Simiand – Seignobos – Historiografia

## By a historical reading of the debates between sociologists and historians (Simiand vs Seignobos)

**Summary:** We aim to investigate the emergence of the concept of "positivists" associated with nineteenth - century historians, especially in relation to Chales Seignobos and his work. To that end, we turn to the epistemological discussions that took place from the late nineteenth to the early twentieth centuries, especially between François Simiand and Charles Seignobos, but also to their contemporary resonances. The text is divided, in addition to the usual introduction and conclusion, in three sessions; In the first one, we present, in summary, the disagreements between Paul Lacomb and Seignobos; in the second, we go through the debates between Simiand and, finally, an attempt to immerse ourselves in the context of discord between History and Sociology, looking at the intellectual panorama of the time and, above all, the social context.

**Keywords:** Sociology - History - Simiand - Seignobos - Historiography

Artigo recebido em 15/03/2019 e aceito em 28/06/2019

## INTRODUÇÃO

A ampliação das reflexões dos historiadores sobre a historicidade da historiografia tem gerado movimentos interessantes, um deles, é decorrente das discussões que sublinharam as zonas de contato e intersecção entre as narrativas literária e historiográfica. Esses movimentos, que têm conduzido os historiadores a retorcer-se e dobrar-se sobre *si*, também

# POR UMA LEITURA HISTÓRICA DOS DEBATES ENTRE SOCIÓLOGOS E HISTORIADORES (SIMIAND VS SEIGNOBOS)

ROSENILSON DA SILVA SANTOS

ANTONIO MANOEL ELÍBIO JÚNIOR

têm ressoado em um retorno aos historiadores do século XIX, aqueles que desenvolveram suas reflexões epistemológicas no período em que tentava-se fazer dos conhecimentos sob proteção da musa Clio uma ciência positivista, um dos motivos pelos quais eram/são chamados de historiadores positivista, nomenclatura que se estenderia à historiografia produzida pelos mesmos.

Desde a fundação na França, em 1929, da Revista *Annales*, que se conformou afirmar que a historiografia do século XIX, de forma geral, herdou alguns traços gerais do Iluminismo, dentre eles, “a ambição de encontrar ‘leis gerais’, ou os ‘padrões’ que a multiplicidade e diversidade da experiência histórica poderiam encobrir”. Essa “obsessão pela ideia de uma unidade, generalizável para todas as sociedades humanas” [...] “se projetaria mais tarde nas pretensões positivistas de decifrar as leis universais do desenvolvimento das sociedades humanas”<sup>III</sup>, desdobrando-se nas ciências sociais de longa tradição, como a História e nas mais jovens, como a nascente Sociologia, em esforços epistemológicos e políticos para alçarem-se aos *status* de ciências objetivas.

Nesse lastro, ao longo do século XX, muitas críticas foram elaboradas aos intelectuais que, no século XIX, procuraram forjar o pedestal científico sobre o qual seus campos de saberes seriam dispostos. No entanto, antes que o século XXI aparecesse no horizonte, alguns movimentos de revisitação aos “positivistas” foram sendo ensaiados. Na História, um dos primeiros sintomas deste redescobrimto da historiografia do século XIX e do rememoração de suas colaborações, guarda relação com o nome através do qual ela passará a ser (re)conhecida: a história “dita” positivista”. Esse processo de rebatismo da historiografia desenovista já tem algumas décadas e remete aos anos 70 através dos esforços de Charles-Olivier Carbonell, que pôs em suspeição juízos e valores através da publicação de *L’histoire dite positivista*<sup>IV</sup>.

Aliás, foi a tese do próprio Carbonell, defendida em 1972 e publicada como livro<sup>V</sup> quatro anos depois, que formalizou uma espécie de convite aos historiadores a lançarem um olhar crítico sobre o que se denominava, até então, de historiografia positivista.

Partindo daí, nosso objetivo neste ensaio é, respondendo de um modo um tanto quanto tardio ao convite de Carbonell, problematizar algumas *imagens fixas* ou *afixadas* à historiografia dita positivista a partir da contextualização histórica e historiográfica da crítica aos trabalhos de Charles-Victor Langlois e, especialmente, aos de Charles Seignobos. Recorreremos, para o desenvolvimento deste exercício, além das leituras de suporte, a análise de textos, hoje considerados clássicos, produzidos entre o final do século XIX e início do século XX, atrelados, de um lado à nascente Sociologia<sup>VI</sup>, do outro, à História.

## 1. Uma disputa doméstica: Paul Lacombe e Charles Seignobos

A crítica e a (o)posição dos *Annales* em relação à historiografia que lhes antecedeu reverberou pelo mundo. Historiadores importantes têm mapeado as ressonâncias e resistências aos franceses reunidos em torno da revista que daria nome ao movimento/escola a partir de 1929. Nomes como Eric Hobsbawm em *A história Britânica e os Annales* realiza um exercício identificando a presença dos *annalistes* na historiografia da Europa insular. Um esforço de natureza semelhante é desenvolvido por Carlo Ginzburg e Carlo Poni no famoso ensaio *O nome e o como*, que se trata, na verdade, de uma versão ampliada e final de uma reflexão sobre a influência dos *Annales* na Itália, apresentada em 1979 em um congresso. Também sobre a reminiscências dos *Annales* no Brasil há vários textos, o que é assinado por Paulo Henrique Martinez<sup>VII</sup> é um bom ensaio sobre o ensino e pesquisa nos estudos históricos

## POR UMA LEITURA HISTÓRICA DOS DEBATES ENTRE SOCIÓLOGOS E HISTORIADORES (SIMIAND VS SEIGNOBOS)

ROSENILSON DA SILVA SANTOS

ANTONIO MANOEL ELÍBIO JÚNIOR

no Brasil, entre as décadas de 1930 e 1950 e sua dívida em relação a Fernand Braudel, em particular, e aos *Annales* de modo geral.

No entanto, aspectos das críticas *forjada* pelos historiadores dos *Annales* em direção aos “historiadores positivistas” e que, segundo Helenice Rodrigues da Silva, “transforma Seignobos em uma caricatura de anti-historiador<sup>VIII</sup>” já existiam antes que Bloch e Febvre fundassem a famosa Revista, como sublinhou François Dosse:

Desde 1894, Paul Lacombe publica una primera edición de *L'Histoire considérée comme science*. Le asigna a la historia una perspectiva sociológica, una búsqueda de leyes. Antes de que lo hiciese Simiand invita a los historiadores a distanciarse de los acontecimientos, de todo aquello que se presenta con carácter de único o singular, pues es propio de una ciencia establecer paralelismos y constantes<sup>IX</sup>.

Para o historiador e arquivista francês Paul Lacombe (1834 - 1919)<sup>X</sup> os historiadores deveriam secundarizar os acontecimentos particulares e atentarem para as regularidades. Em grande medida, o livro *O Método Histórico aplicado às ciências sociais*<sup>XI</sup>, publicado em 1901 por Charles Seignobos, é uma resposta as proposições de Paul Lacombe e, de forma precoce, já na introdução do livro, o autor afirma que “Toda ciência social se aplica a fenômenos que não permanecem constantes ...<sup>XII</sup>”, que não se inscreveram em regularidades e, na maioria das vezes, não poderiam ser observados diretamente, o que demandaria aos estudos do social o uso de um método indireto: o método histórico.

Charles Seignobos define nesse livro de 1901, reforçando a discussão que desenvolve em dupla com Charles-Victor Langlois em *Introdução aos Estudos Históricos*<sup>XIII</sup> de 1898, o método histórico como, invariavelmente: indireto, único, pois “difere, radicalmente, de todos os outros métodos das outras ciências<sup>XIV</sup>”, crítico e científico e o seu emprego demanda, de modo especial, o uso do raciocínio. Todavia, mesmo dotado de tantas características, não se trata de um método perfeito, pois “inferior” ao método de observação direta e, por essa razão, “Ele não é utilizado em nenhuma das ciências gerais, física, química, biologia, aquelas que buscam leis gerais ...<sup>XV</sup>”, mas é o conveniente para o que se pretende examinar na História, pois é o único capaz de alcançar os fatos passados através do uso e crítica aos documentos.

Defende Seignobos que a conexão do historiador com os fatos humanos no tempo só é possível através do uso de documentos e o método histórico é, antes e acima de tudo, a forma através da qual se pode utilizar tais documentos, ou rastros, de forma correta. Neste ponto Seignobos reafirma sua máxima: “Se os atos que devem ser conhecidos não tivessem deixado nenhum rastro, seria impossível o conhecimento dos mesmos<sup>XVI</sup>”, ecoando o que já afirmara com insistência no livro *Introdução*: “A história se faz com documentos<sup>XVII</sup>”.

A ênfase do historiador francês no uso e na crítica aos documentos se deve a sua concepção de que “não há fatos históricos”, como há fatos biológicos ou fisiológicos, o que ele já afirmara quatro anos antes ao sinalizar que “a caracterização dos ‘fatos históricos’ é só serem conhecidos indiretamente através dos traços<sup>XVIII</sup>”, traços estes entendidos como os documentos. O autor também defende que não há um limite claro entre “fatos humanos do passado” e “fatos humanos do presente”, em suas palavras: “Temos, então, a impressão de que os fatos históricos podem ser definidos: os ‘fatos passados’, em oposição aos fatos atuais, que são o objeto das ciências descritivas da humanidade. É justamente essa oposição que é impossível de manter na prática<sup>XIX</sup>”. Essa diferenciação não pode ser mantida em virtude de que ser *passado* ou *presente* não é uma qualidade que se manifesta internamente aos acontecimentos, é uma distinção de posição que se estabelece em relação a um observador, logo, ela varia conforme o sujeito que presencia, que registra ou que trata dos eventos posteriormente.

# POR UMA LEITURA HISTÓRICA DOS DEBATES ENTRE SOCIÓLOGOS E HISTORIADORES (SIMIAND VS SEIGNOBOS)

ROSENILSON DA SILVA SANTOS  
ANTONIO MANOEL ELÍBIO JÚNIOR

Além de se deter de modo muito direto sobre a noção de método, documento e tempo em sua publicação de 1901, Seignobos ainda demarca sua posição em relação as diferenças e divergências entre História e ciências sociais. Após historicizar os diversos sentidos que o vocábulo *social* assumiu ao longo dos séculos XVIII e XIX o autor relembra que “A palavra sociologia, inventada por filósofos, corresponde a uma tentativa de agrupar vários domínios de ciências que permaneceram isoladas em uma concepção filosófica<sup>XX</sup>” e que três grupos de estudos convergiram para formar o que, naquele momento, se configurava como “ciências sociais”: estudos estatísticos, estudos econômicos e estudos das doutrinas.

Conforme Charles Seignobos, “Se, do conjunto das ciências que estudam os fenômenos sociais, no sentido amplo do termo, retirarmos todos os domínios de estudos constituídos anteriormente, o *resíduo* (o que resta) compreende as ‘ciências sociais’, no sentido atual do termo<sup>XXI</sup>”.

Por essa constituição a partir de *resíduos* e de grupos de estudos tão diferentes e desconexos, as ciências sociais, para Seignobos, “constituem uma amálgama *desordenada* ... [e] o único caráter comum entre elas é o estudo dos fenômenos relativos aos interesses materiais dos homens<sup>XXII</sup>”, fenômenos estes que, em poucas ocorrências, poderiam ser contemplados por meio de uma observação e de um método direto. Na maioria das situações e ocorrências esses fenômenos só poderiam ser estudados indiretamente, logo, precisariam às ciências sociais recorrerem ao uso de documentação e, portanto, a condição de sua realização enquanto ciência só se daria através do uso da *observação indireta* para o exame de tais documentos, para a qual o método histórico era o mais adequado e único possível.

Em outras palavras, se em poucas situações as ciências sociais poderiam usar o método direto, o método histórico lhe seria essencial, já que “... na prática, quase todos os fatos das ciências sociais são coletados pelo método indireto<sup>XXIII</sup>”.

A disputa entre historiadores e sociólogos, substanciada na publicação de Paul Lacombe em 1894 e na resposta de Seignobos de 1901, acabaria provocando a reação de outro intelectual, que falaria em nome da nascente Sociologia, primeiro através de uma conferência, que rapidamente ganhou as páginas de uma revista importante, se conformando em uma das críticas mais contundente aos historiadores metódicos da França, de modo especial a Seignobos. Esta crítica seria essencial para o emprego do termo “positivistas” como um adjetivo desprovido de tantas qualidades.

## 2. Conflitos *extra-domésticos*: Charles Seignobos e François Simiand

Dois anos decorridos da publicação de Seignobos, em 1903, deferirá uma crítica demais importante o filósofo, sociólogo e economista francês François Joseph Charles Simiand (1873 - 1935), na forma de um artigo que reuniu as reflexões expostas em uma conferência homônima proferida na *Société d'histoire moderne et contemporaine* em 3 de janeiro de 1903. O texto, publicado com o título ‘Méthode historique et sciences sociales’ na *Revue de Synthèse Historique*<sup>XXIV</sup>, sintetiza sua posição em relação a historiografia “positivista”, especialmente em relação a perspectiva de Seignobos, diante de quem ainda é um jovem e cuja posição institucional é fraca, “como aliás, a de toda a comunidade sociológica<sup>XXV</sup>”. François Simiand, naquela altura, apesar de bem reconhecido entre seus professores e contar com uma formação multifacetada e um bom currículo, ainda não havia publicado sequer um livro<sup>XXVI</sup>, apenas algumas resenhas críticas, uma delas, inclusive, sobre uma obra em que o próprio Seignobos era um dos autores.

Antes da famosa crítica de 1903 que, para alguns historiadores, soará como “uma bomba de efeito retardante<sup>XXVII</sup>”, ainda na condição de leitor de Langlois e Seignobos,

## POR UMA LEITURA HISTÓRICA DOS DEBATES ENTRE SOCIÓLOGOS E HISTORIADORES (SIMIAND VS SEIGNOBOS)

ROSENILSON DA SILVA SANTOS

ANTONIO MANOEL ELÍBIO JÚNIOR

François Simiand escreveu uma resenha, poderíamos dizer, elogiosa em relação a “Introdução aos Estudos Históricos”, livro publicado em 1898 por aqueles dois. No texto em que resenha a citada obra Simiand afirma que “o pequeno livro de Langlois e Seignobos” [...] “... analisado e descrito aqui com uma precisão e uma sofisticação notáveis de observação psicológica e de reflexão filosófica, faz o trabalho original e meritoso, digno de ser adquirido<sup>XXVIII</sup>”, sublinha que muitos mestres tirariam proveito do mesmo, destacando “a inteligência do livro<sup>XXIX</sup>” e admitindo que se trata, até mesmo, de “uma obra muito interessante para os sociólogos<sup>XXX</sup>”.

Sem deixar de observar algumas incoerências em relação a “Introdução”, Simiand mantém uma postura mais amistosa, que se dissolverá em 1903, ano em que ele marcará oposição aos historiadores que classificará como ‘historicizantes’ ou ‘metodologistas’, os mesmos que passarão a ser chamados, pejorativamente, de “positivistas”.

Na crítica de 1903 Simiand ataca sutilmente o trabalho de Paul Lacombe e, de forma mais expressiva, retoma argumentos “como contraponto à linha que Seignobos defendia<sup>XXXI</sup> da sociologia durkheimiana<sup>XXXII</sup>, em especial uma certa similitude com a apreensão de “fatos sociais”, concebidos como “conjunto de instituições sociais externas ao indivíduo que, dotadas de maior ou menor poder coercitivo, a ele se impõe por meio do processo de socialização<sup>XXXIII</sup>”.

As percepções de Durkheim de que as ciências sociais deveriam ter como alvo a análise de processos independentes da ação, vontade ou consciência individual e não aquilo que fosse particular, individual e inédito, estão presentes nos argumentos de François Simiand, segundo o qual “as coexistências e as sucessões regulares dos fenômenos que a ciência observa e extrai não procedem de nós, *impõem-se* a nós, resultando daí o seu valor *objetivo*<sup>XXXIV</sup>”.

A objetividade das ciências sociais só seria alcançada quando elas se concentrassem no domínio do objetivo, verificado através da recorrência dos fenômenos e da possibilidade de analisá-los quantitativamente através dos dados e da mensuração do social. O plano da objetividade do social se revelaria, portanto, naquilo que fosse exterior aos indivíduos, por isso uma explicação que partisse dos casos isolados não seria capaz de alcançar o fato social e nem análises mais globalizadas.

Em sua concepção o exercício do cientista social era “abstrair o elemento comum e social ... que *não* são produto de indivíduos, que, ao contrário, *impõem-se* a eles e os *domina*<sup>XXXV</sup>”. O atraso da História para Simiand se localizava, de modo especial, na inoportuna presença de “três ídolos da tribo dos historiadores, que são: a política, o individual e o cronológico<sup>XXXVI</sup>”, em alguns mitos por ele apontados: o ídolo *político*, o ídolo *individual* e ídolo *cronológico*.

Em sua percepção, a atenção exagerada conferida à *história política* deveria ser ponderada sem, contudo, serem abandonados os fatos políticos, estes deveriam apenas perder sua centralidade na análise da História. Outro mal hábito dos historiadores era entender a história como *história dos indivíduos*, o que muito recorrentemente os fazia organizar as pessoas em torno de determinados sujeitos, tais como reis, diplomatas e generais, secundarizando o que deveria observar de modo mais acurado: as instituições e os fatos sociais.

A crítica a narrativa do *político*, das guerras e batalhas e do ídolo *individual*, formuladas por François Simiand deve, segundo Norbert Elias<sup>XXXVII</sup> ser situada na mudança pela qual os sentidos de *social* e *sociedade* passam ao longo de processo que tem a Revolução Francesa como momento culminante. Até o século XVIII a sociedade era entendida como aglomerado de pessoas e ações e, nesse quadro, as ações dos líderes políticos, reis e ministros, eram tidas como mais importantes visto que eram elas que, supostamente, definiam o destino

## POR UMA LEITURA HISTÓRICA DOS DEBATES ENTRE SOCIÓLOGOS E HISTORIADORES (SIMIAND VS SEIGNOBOS)

ROSENILSON DA SILVA SANTOS

ANTONIO MANOEL ELÍBIO JÚNIOR

das pessoas. Com as mudanças pelas quais passou a Europa e o mundo ao longo do século XVIII e no contexto da Revolução de 1789 ficou claro que, a despeito dos governos planejarem as coisas, elas podiam ocorrer, ou não, como haviam sido programadas e, mais que isso, seus efeitos frequentemente tomavam rumo próprio, independentes da vontades e interesses individuais, fugindo, inclusive, ao controle das autoridades e da justiça.

Emerge, portanto, diante dessas condições, uma descrença na potência individual dos sujeitos sobre a humanidade, que se reflete no imaginário sobre os representantes políticos e se exponencia quando o intelectual que sobre tais mudanças escreve é republicano, caso de Simiand. O mais evidente para os emergentes sociólogos era que forças anônimas, não associadas a um Deus, um rei ou seus ministros, regulavam a vida social, a exemplo das leis da natureza, que a orquestravam em um funcionamento independente de elementos isolados.

E, por fim, o terceiro dos equívocos dos historiadores: considerarem *todas as épocas igualmente importantes*, muitas vezes se concentrando nos estudos das origens e diversidades particulares. Ao criticar o *ídolo da cronologia* há uma nítida contraposição a aquilo que Charles Seignobos sublinha na “Introdução” de 1898: que as épocas guardam muita semelhança entre si, tanta que “Se a humanidade de tempos remotos não fosse semelhante à humanidade atual, nada seria possível entender os documentos<sup>XXXVIII</sup>”. Para Simiand, no entanto, ao invés desse cuidado com as origens e continuidades, que justificariam o estado atual das coisas, a História deveria partir do estado mais avançado da sociedade, a atualidade, e mover seu olhar em direção ao passado, e não no sentido tradicional, que era de pensar a partir das origens e se deslocar em direção ao tempo presente.

O caminho em direção a uma História enquanto ciência, para Simiand, passaria pela desconsideração ou resignificação da *tríade dos ídolos*, diferentes e complementares, presentes na centralidade conferida pelos historiadores ao político, ao indivíduo e ao tempo germinal.

O debate entre Simiand e Seignobos terá continuidade, reacendeu em 1904 na *Société d'Hisoire Modern* e, posteriormente, ocupará três sessões, as de 1906, 1907 e 1908, da *Société Française de Philosophie*. Na sessão de 1906 François Simiand, já de um modo mais suave, apresenta a conferência *La causalité en histoire*. Já na de maio de 1907, quem discursará em defesa do método histórico será Charles Seignobos, ocasião em que expõe *Les conditions pratiques de la recherche des causes dans le travail historique* e, na de 1908, *L'inconnu et l'inconscient en histoire*<sup>XXXIX</sup>.

Sobre esse último momento do embate, comenta Gérard Noiriel<sup>XL</sup>:

En una conferencia que tuvo lugar en la *Sociedad francesa de filosofía*, su respuesta a la críticas de Simiand – el más virulento representante de la ‘epistemología’ positivista ‘naturalista’ en la que se apoyan los durkheimianos – muestra inmediatamente que él se sitúa en el nuevo contexto institucional. En una época en la que la universidad forma especialistas, señala Seignobos, una disputa sobre el objeto de la historia no puede ser más ‘que una diferencia entre dos profesiones: el desacuerdo normal entre un filósofo y un historiador’. E inmediatamente subraya la contradicción que en adelante debe afrontar el representante de una disciplina empírica, sin formación filosófica, para elaborar él mismo su ‘epistemología’: ‘quero mantenerme en el terreno práctico, en la medida en que una discusión teórica lo permita, indicando como se plantean los problemas prácticos del trabajo histórico, pues son estas condiciones prácticas las que Simiand no ha tenido en cuenta’.

# POR UMA LEITURA HISTÓRICA DOS DEBATES ENTRE SOCIÓLOGOS E HISTORIADORES (SIMIAND VS SEIGNOBOS)

ROSENILSON DA SILVA SANTOS

ANTONIO MANOEL ELÍBIO JÚNIOR

A respeito dessa fase das discussões que se mantém entre 1906 e 1908 o texto do sociólogo Bruno Hoffmann Velloso da Silva, já referenciado, faz uma boa e interessante leitura na qual destaca a heterogeneidade de posições entre as áreas e mesmo dentro de cada uma delas.

Nesse sentido, se Simiand contava com o respaldo dos sociólogos durkheimianos em sua argumentação, e do próprio Durkheim, que ao final assumirá diretamente o enfretamento em nome das ciências sociais, entre os historiadores não havia tanto acordo. Nas últimas conferências de Seignobos ele já não era uma unanimidade, mesmo entre os historiadores franceses e, no penúltimo debate, o de 1907, quem se posicionará energicamente contra ele será, Gustave Bloch<sup>XLI</sup>, prestigiado professor de História Antiga de Sorbonne, com experiência no currículo nas Escolas Francesas de Atenas e de Roma, dez anos em Lyon e Escola Normal Superior, discípulo de Fustel de Coulanges e pai do *annaliste* Marc Bloch, que nesse momento ainda era um jovem de 21 anos de idade.

Para além de pensar os argumentos que cada um deles, Simiand ou Seignobos, agenciou para garantir credibilidade a seu ponto de vista sobre ciência, método e História é preciso ir além dos intelectuais e dos seus textos e pensar o contexto em que esses mesmos argumentos foram mobilizados e ganharam sentido. Nossa pretensão no próximo e último tópico desse ensaio é apontar a conjuntura intelectual na qual ganharam audiência as posições já discutidas, mas também e sobretudo, identificar que mudanças sociais possibilitaram sua emergência.

### 3. O contexto dos debates/textos e a ciência que a sociedade faz

Em um mundo como o nosso em que a ciência já é institucionalizada e faz parte de nosso cotidiano e de nossas lides profissionais, por vezes, nos escapa o caos e a necessidade de organização que caracterizava (caracteriza?) a emergência de um novo campo do saber no passado, por isso podem nos parecer um tanto quanto vagas as disputas vividas entre historiadores e sociólogos ao longo do século XIX.

Afirmar que a História pretendeu se alçar ao *status* de ciência no século XIX significa dizer que à época se ambicionou convencer que *Ela* poderia, além de ser simplesmente vivenciada, ser ensinada e aprendida, constituir um corpo de conhecimento formalizado, dotado de fronteiras próprias, de profissionais cuja função seria a operacionalização de técnicas, métodos e práticas científicas, da formalização de cátedras, definição de salários, abertura de espaço de reconhecimento e credibilidade social.

Elevar à História ao *status* de ciência era conduzir um saber, que até então era entendido como um processo no plural, como histórias<sup>XLII</sup>, a ser pensado como uma unidade, a ser transmitido pelas vias do saber formal, servindo de base para pensar a vida em sociedade, para a vida e o viver.

O privilégio, até então mais comum aos textos teológicos e, no ocidente, aos livros sagrados e hagiografias, de fornecer modelos de vida e reproduzir alguma lição, seria concedido também aos livros de História. Neste sentido, François Dosse afirma que o “século da história” se conforma assim em dois movimentos, diferentes e complementares: de um lado, a profissionalização da história lhe dotava de responsabilidades especiais sobre a narrativa do passado; do outro lado, ao ser encarregada pelas sociedades de enunciar o tempo laicizado e afirmar a possível direção para qual a humanidade caminhava, uma espécie de “magistério do futuro” que se verifica “como a passagem da religião à disciplina histórica<sup>XLIII</sup>”.

## POR UMA LEITURA HISTÓRICA DOS DEBATES ENTRE SOCIÓLOGOS E HISTORIADORES (SIMIAND VS SEIGNOBOS)

ROSENILSON DA SILVA SANTOS

ANTONIO MANOEL ELÍBIO JÚNIOR

Ganhar espaço nas escolas secundárias, ao mesmo tempo, se refletia na necessidade de sistematizar seu conteúdo por escrito, o que inaugura ou aprofunda batalhas editoriais para a elaboração do que concebemos hoje como materiais didáticos, manuais de metodologia e a publicação de revistas que conferissem identidade aos novos profissionais e formassem uma comunidade, aglutinando aliados e desenhando fronteiras para as novas áreas. Charles Seignobos esteve presente tanto na inserção da História no ensino secundário como na reforma do ensino superior na França do XIX.

A institucionalização de uma disciplina significava, ainda, que cursos em nível superior precisavam ser desmembrados ou criados e que concursos precisariam acontecer para admitir aqueles capazes de serem docentes e de preparar docentes. Essas disputas, portanto, se faziam em múltiplos planos: epistemológico, pessoal e institucional e esses planos se interseccionam.

Neste sentido, as posições de Lacombe, Simiand e Seignobos ganham coerência em um contexto específico e isso não lhes pode ser subtraído, para que seus argumentos não sejam hierarquizados, mesmo que nesse mesmo contexto eles tenham sido formulados em oposição uns aos outros. Ao invés de comprarmos/adotarmos essas oposições, devemos pô-las em plano de observação, não apenas para entender suas faces e interfaces, mas para compreendermos como elas foram elaboradas e chegaram a ser o que são.

As conferências e textos de François Simiand se localizam em defesa do método da sociologia, disciplina que surgiu no século XIX<sup>XLIV</sup> e “De início, não foi tão claramente considerada uma disciplina científica, nem um assunto a ser ensinado nas universidades<sup>XLV</sup>”. A intenção das ciências desse novo campo era estudar a vida social moderna e o modelo que vai lhe servir de inspiração, não diferente do que já ocorria com a História, será o das ciências da natureza, o que a fará, especialmente a partir dos pressupostos durkheimianos, como anteriormente já posto, direcionar seu fôlego para as regularidades e os elementos estruturais das sociedades, para os quais a tradicional metodologia dos historiadores, mais atenta às particularidades e eventos circunscritos, não serviria.

Os encontros e conferências proferidas nas sociedades científicas, comumente na de História Moderna e na de Filosofia, posteriormente transcritas e publicadas na forma de artigos, eram a maneira desses intelectuais exporem seus pontos de vista, mas também de construir uma representação de si, algo importante no concorrido mercado de trabalho que, na França, crescerá de forma tímida até, pelo menos, a II Guerra Mundial. Como exemplo dessa situação, Marieta de Moraes Ferreira exemplifica o caso de Henri Houser que, tendo lançado uma obra em 1903, “foi objeto de crítica por parte dos durkheimianos” ... e “Em 1907, disputou com [Célestin Charles Alfred] Bouglé, sociólogo ligado a Durkheim, a cadeira de História Econômica e Social na Sorbonne e foi derrotado<sup>XLVI</sup>”, só conseguindo ingressar naquela instituição em 1919, 12 anos depois.

Essa paisagem institucional de acirrados debates envolve, no entanto, um pequeno número de intelectuais que, junto com sua plateia/leitores, não estão desconectados da sociedade em que vivem, ou seja, não podem ser observados como um grupo privilegiado que decide sobre que olhar analisará o social, se a partir de uma perspectiva singularizante ou generalizante. Sobre esse aspecto, a reflexão que Nobert Elias<sup>XLVII</sup> desenvolve é muito interessante e se distingue das demais tentativas de sintetizar a conjuntura desse debate na medida em que ele desloca o olhar para a sociedade em que os intelectuais viviam e enxerga nessa mesma sociedade o que motiva tais disputas.

Em primeiro lugar, Elias chama atenção para o fato de que as compartimentações dos campos de conhecimento do social não eram tão claras, como atualmente são, e exemplifica a partir da ideia de que “Adam Smith jamais se denominou ‘economista’”. Malthus e Marx

## POR UMA LEITURA HISTÓRICA DOS DEBATES ENTRE SOCIÓLOGOS E HISTORIADORES (SIMIAND VS SEIGNOBOS)

ROSENILSON DA SILVA SANTOS

ANTONIO MANOEL ELÍBIO JÚNIOR

nunca se consideraram ‘sociólogos’, e o segundo teria detestado a designação” [...] e teria atacado visceralmente qualquer um que o classificasse como sociólogo, pois isso lhe soaria como chamá-lo de ‘seguidor de Comte’<sup>XLVIII</sup>, mas que a emergência de uma nova ciência, a Sociologia, responde à mudanças sociais, mais do que somente a curiosidade científica e à vontade dos estudiosos em se alojarem em novas áreas.

A primeira dessas mudanças sociais diz respeito a uma ressignificação do conceito de economia e de seus derivados. Antes do século XIX “economia” era um termo correntemente associado a vida doméstica e, de modo especial, aos sujeitos das camadas *inferiores* da sociedade. Não obstante, ao longo dos séculos e com o desfecho da Revolução Francesa, seu significado se estenderá à esfera do Estado. Nobeert Elias defende que, antes da Revolução, gastar em demasia era algo relacionado às camadas abastardadas da sociedade, por serem detentoras de recursos, porque o *status* e sua posição social o possibilitavam e, ao mesmo tempo, dependiam do gasto exacerbado. Portanto, nesse meio, economizar não fazia sentido e a penalidade para os que não gastassem era a perda de prestígio, contenção, não era, por isso, algo bem visto pelas classes tradicionais europeias pré-revolucionárias.

Por outro lado, entre os mais pobres, as pessoas não gastavam mais do que ganhavam por que essa possibilidade, simplesmente, não se lhe apresentava, o crédito era privilégio de poucos, ou seja, o costumaz entre as pessoas de vida simples era comprometer apenas o que se obtinha por meio do trabalho.

Após a Revolução, com a ascensão de determinados grupos ao poder, equilibrar “gastos” e “renda”, “vender com lucro” e “poupar para investir”, se tornaram expressões e operações positivadas e racionais, deixou de referir-se ao campo privado ou algo relacionado a uma vida simples e passou a fazer parte do vocabulário e prática da administração pública, como assunto de interesse das nações e Estados. Nesse quadro, a emergência da “economia política” seria um dos sintomas das mudanças apontadas por Elias.

Essas transformações, apesar de serem relacionadas ao contexto da Revolução, segundo Elias, ocorreram através de um longo e lento processo e a mudança do significado de alguns conceitos, como o de economia, como acima apontamos, são indícios de transformações mais amplas. Neste sentido, o autor toma a análise dos conceitos como uma forma de sinalizar para a ressignificação no padrão de concepção da sociedade, afirmando que, “Um exame detalhado da gênese dos conceitos pode ser de grande valia para o diagnóstico sociológico das transformações sociais mais amplas, em reação às quais o sentido das palavras se altera e novas definições entram em cena<sup>XLIX</sup>”. Segundo esse autor, a análise a partir dos conceitos,

Trata-se, contudo, de uma tarefa *eminente sociológica*, representativa de uma abordagem focada no desenvolvimento dos problemas do pensamento e da construção do saber como parte integral de uma teoria na qual a tradição sociológica e filosófica não estão mais divorciadas<sup>L</sup>.

Na concepção do sociólogo alemão, quando o significado de uma palavra, dado por um grupo de indivíduos, nesse caso, historiadores e sociólogos, entra na linguagem corrente saberemos que correspondeu às necessidades de um grande público. Em relação particular ao aparecimento da Sociologia, diante das mudanças sociais pelas quais passou o mundo até a Revolução e após ela, havia um público ávido por ferramentas intelectuais que ajudassem a lidar com novos problemas e para os quais deveriam sublinhar soluções, e a disputa entre sociólogos e historiadores, de forma geral, e a de Simiand e Seignobos, em particular, respondem a essa demanda social e institucional por campos, esquemas explicativos e

## POR UMA LEITURA HISTÓRICA DOS DEBATES ENTRE SOCIÓLOGOS E HISTORIADORES (SIMIAND VS SEIGNOBOS)

ROSENILSON DA SILVA SANTOS

ANTONIO MANOEL ELÍBIO JÚNIOR

conceitos que pudessem tornar a nova realidade social algo menos caótica e mais compreensível.

É, portanto, nesse panorama que Elias sugere pensarmos os argumentos que apontavam a inadequação dos modos tradicionais de abordagem dos fenômenos sociais e a demanda por especialistas que pudessem descrever, a exemplo do que já se faziam com os fenômenos naturais, as mudanças sociais. A mimese, em um primeiro momento, em relação aos métodos das ciências naturais se explica também pelo fato de que eram os que estavam disponíveis, mas logo se passou a discutir a possibilidade de se distanciar dos mesmos, na História, afirma Jaume Cardona:

Em primer lugar, por que los postulados del positivismo 10lássico de Auguste Comte son progressivamente sustituido por los del *nuevo* positivismo de la escuela metódica francesa que, tal como com puesto de manifesto Charles-Olivier Carbonell, aboga por com renovación de la 10lássic histórica a través de la 10lássico10cia del empirismo sobre las generalizaciones especulativas. Por tanto, a partir de la época de entresiglos, é más 10lássic hablar de ‘positivismos’, com plural, porque allí converge el positivismo 10lássico de Comte com el nuevo positivismo postulado por los componentes de la escuela metódica, entre los que destacan Charles-Victor Langlois (1863-1929) y Charles Seignobos (1854 – 1942), quienes declaran solemnemente que sin um estúdio empírico de los documentos no hay historia<sup>LI</sup>.

As críticas dos sociólogos à tradição metodológica da História e aos seus ídolos *político, cronológico* e *individual* podem, ainda, ser melhor compreendidas quando pensadas na atmosfera de descrédito que a capacidade dos indivíduos, mesmos os da esfera política, tinha quanto a regulação do destino da humanidade após a Revolução de 1789.

A contextualização dessas disputas precisa ser dupla, institucional e social, uma vez que “Da maneira como os primeiros sociólogos foram apresentados até agora, suas abordagens poderiam ter sido as de pessoas motivadas exclusivamente por um intuito científico, pelo simples esforço de descobrir e explicar as relações entre os eventos”, porém, não era exatamente o caso ou não era somente isso, as mudanças sociais exigiam um método, uma ciência, capazes de identificarem e explicarem às forças anônimas, sua “ordem, suas regularidades, suas forças motrizes e sua direção<sup>LI</sup>” de caráter social, que orquestravam a vida humana em sociedade.

### **CONCLUSÃO: por uma leitura histórica dos debates e dos *metódicos***

Revisitar os diálogos entre sociólogos e historiadores e a obra desses autores e, na História, a releitura dos manuais escritos por autores tidos até recentemente como positivistas, pode ter diversos sentidos. Esse revisionismo deve relativizar dogmatismos, como aquele de que os metódicos tinham a pretensão de alcançar o fato e a verdade objetiva sobre ele de uma forma direta. Em Langlois e Seignobos, por exemplo, a defesa desse tipo de conhecimento não existe, ao contrário, tais autores associam ao conhecimento histórico a capacidade de alcançar os rastros (entenda-se, através dos documentos) e a possibilidade de, sobre e a partir deles, desenvolver uma série de operações críticas para revelar informações sobre a vida nos homens no tempo.

Langlois e Seignobos nos ensinam sobre a relatividade da posição do historiador, tanto no que se refere ao tempo, como em relação ao objeto, a importância do raciocínio e da

# POR UMA LEITURA HISTÓRICA DOS DEBATES ENTRE SOCIÓLOGOS E HISTORIADORES (SIMIAND VS SEIGNOBOS)

ROSENILSON DA SILVA SANTOS

ANTONIO MANOEL ELÍBIO JÚNIOR

imaginação e mesmo destacam o lugar privilegiado que a pergunta deve ocupar em todas as ciências.

Esse mesmo revisionismo, todavia, não pode perder de vista que a posição marginal que Seignobos atribuía às ciências sociais compete a um contexto de disputas específico, aos interesses e arranjos que se configuravam na sociedade e na intelectualidade, particularmente francesa, do final do século XIX e início do século XX. Do mesmo modo, o ataque aos ídolos *individual, cronológico e político* a que Simiand se refere não pode desconsiderar sua posição republicana e, de certo modo, uma descrença em relação ao papel do Estado, particularmente o monarquista, enquanto instituição que conferia sentido à história da humanidade.

Hoje nós historiadores aprendemos que o olhar sobre o político não precisa abdicar do olhar sobre os indivíduos, que o poder que transpassa os agentes-representantes do Estado encontra recepção, reflexo e resistências nas trajetórias biográficas, podendo a operação de investigação sobre tais trajetórias lançar *luzes* sobre a peculiaridade de cada vivência, mas, também, sobre os elos culturais que conectam os sujeitos de uma mesma época. Um olhar simultâneo sobre o macro e o micro, sobre a estrutura e as ações que os indivíduos desenvolvem nas malhas do social, em virtude das fontes, nem sempre é possível, muitas vezes obrigando o historiador a optar por ampliar ou reduzir a escala de observação. Todavia, quando as fontes, o objeto e a problemática nos possibilitam cruzamentos, ganham todos: conhecimento sobre a história, o autor e seus leitores.

As disputas das quais tratamos não se encerraram, encontram-se presentes em dilemas que atingem cientistas sociais atualmente. Após as conferências de Simiand e Seignobos os *Annales* darão continuidade ao debate *com*, e não mais *contra*, os sociólogos, comprando-o e reciclando-o em seu favor, na medida em que recondicionaram sua força de ataque à área ou autor nos quais a crítica havia sido gestada, isso se dará com as posições de Simiand, Durkheim e, posteriormente, com a de Levi-Strauss. Em relação aos historiadores metódicos, “Embora reconhecendo os méritos políticos de Seignobos, mas condenando a instrumentalização do seu ensino de história, os *Annales* combateram a história política, erroneamente confundida com a história nacional e a história-batalha<sup>LIII</sup>” e esse aspecto precisa, também, ser revisto.

Para Antoine Prost<sup>LIV</sup>, podemos criticar Seignobos e Langlois por sua estreita visão em relação ao que poderia ser considerado fonte, mas trata-se de um motivo insuficiente para desqualificá-los”. Prost faz uma alusão, para nós válida, a um prefácio assinado por Guy-P. Palmade<sup>LV</sup> em 1969<sup>LVI</sup>, em uma reedição de um livro de Seignobos, no qual esse autor afirma que adotamos “l’illustration d’un certain esprit historique, qui n’est plus le nôtre, mais dont nous sommes, parfois inconscients ou ingrats, les héritiers<sup>LVII</sup>”, nos acusando, não somente de “herdeiros inconsciente ou ingratos”, com relação a geração dos fundadores da profissão e, talvez, por isso, minimizado sua contribuição, também por esta ter “sido assimilada de uma forma completa demais<sup>LVIII</sup>” a ponto de nós não a percebermos<sup>LVIII</sup> como uma herança metódica.

---

<sup>I</sup> Professor Assistente II do Departamento de História, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Assú/RN. Doutorando em História pela Universidade de Brasília - UNB e Mestre na mesma área pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E-mail: rosenilson santos@yahoo.com.br

<sup>II</sup> Professor Adjunto II do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP e Pós-Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE.

<sup>III</sup> Todas as citações entre aspas deste parágrafo são de: BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História** - volume 2: Positivismo e Historicismo. 2011. p. 73; 76 e 77.

# POR UMA LEITURA HISTÓRICA DOS DEBATES ENTRE SOCIÓLOGOS E HISTORIADORES (SIMIAND VS SEIGNOBOS)

ROSENILSON DA SILVA SANTOS  
ANTONIO MANOEL ELÍBIO JÚNIOR

<sup>IV</sup> CARBONELL, Charles-Olivier. L'histoire dite positivista em France. Romantisme. **Revue de La Société des Études Romantiques**, nº21-22, Paris, 1978.

<sup>V</sup> CARBONELL, Charles-Olivier. **Histoire et historiens**: une mutation idéologique des historiens français, 1865 – 1885. Toulouse: Privat, 1976. Vários autores indicam este trabalho como um marco na releitura da historiografia do século XIX, dentre eles: SILVA, Helenice Rodrigues da. Charles Seignobos. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX**. 2010. p. 378. DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. O momento metódico. In: **Correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. 2012. p. 69. e HARTOG, François. História, historiografia e tempo presente. 2012, p. 356.

<sup>VI</sup> Muitas recorrentemente, nos textos do final do século XIX e início do século XX a área a que denominamos hoje como Sociologia era referida como ciências sociais e mesmo como filosofia.

<sup>VII</sup> MARTINEZ, Paulo Henrique. Fernand Braudel e a primeira geração de historiadores universitários da USP (1935-1956). **Revista de História**. 2002, p. 11-27.

<sup>VIII</sup> SILVA, Helenice Rodrigues da. Charles Seignobos. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX**. 2010. p. 380.

<sup>IX</sup> DOSSE, François. **La historia em migajas**: de *Annales* a la 'nueva historia'. 2006. p. 35.

<sup>X</sup> LACOMBE, Pierre [Paul]. **De l'histoire considérée comme Science**. Paris: Libraire Hachete, 1894. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k107900w/f7.item>

<sup>XI</sup> Edição original: SEIGNOBOS, Charles. **La méthode historique appliquée aux sciences sociales**. Paris, Félix Alcan Éditeur, 1901. Uma segunda edição foi lançada em 1909. Em português a introdução da referida obra foi publicada em: SEIGNOBOS, Charles. Método histórico e ciências sociais. Tradução Helenice Rodrigues da Silva. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2010. p. 375 – 392.

<sup>XII</sup> SEIGNOBOS, Charles. O método histórico e ciências sociais. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX**. 2010. p. 383

<sup>XIII</sup> LANGLOIS, Charles-Victor; SEIGNOBOS, Charles. **Introdução aos Estudos Históricos**. Tradução: Laerte de Almeida Morais. São Paulo, SP: Renascença, 1946. (*L'introduction aux études historiques*, publicado originalmente em 1898).

<sup>XIV</sup> (Idem. 2010. p. 380).

<sup>XV</sup> (Ibidem, 2010. p. 380).

<sup>XVI</sup> (Tribidem, 2010, p. 380).

<sup>XVII</sup> LANGLOIS, Charles-Victor; SEIGNOBOS, Charles. **Introdução aos Estudos Históricos**. 1946, p. 15, 23, 42.

<sup>XVIII</sup> LANGLOIS, Charles-Victor; SEIGNOBOS, Charles. **Introdução aos Estudos Históricos**. 1946, p. 44 - 45.

<sup>XIX</sup> (Quadribdem, 2010. p. 379).

<sup>XX</sup> SEIGNOBOS, Charles. O método histórico e ciências sociais. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX**. 2010. p. 381.

<sup>XXI</sup> (Idem, 2010, p. 383).

<sup>XXII</sup> (Idem, 2010, p. 383).

<sup>XXIII</sup> (Ibidem, 2010, p. 383).

<sup>XXIV</sup> O referido texto, que é dividido em duas partes, cada uma delas com 5 pequenos capítulos, foi publicado em 1903: SIMIAND, François Joseph Charles. Méthode historique et science sociale. **Revue de synthèse historique**. 1903, 6, n. 17, p. 129-157. Disponível em: <[http://www.unige.ch/lettres/enseignants/bmuller/textes0/Simiand/Simiand\\_RSH\\_1903\\_6\\_17](http://www.unige.ch/lettres/enseignants/bmuller/textes0/Simiand/Simiand_RSH_1903_6_17)> Posteriormente foi publicado na própria revista *Annales*: SIMIAND, François Joseph Charles. Méthode historique et science sociale. **Annales**. Économies, Sociétés, Civilisations. Année 1960, Volume 15, Numéro 1, p. 83-119. Disponível em: <[http://www.persee.fr/docAsPDF/ahess\\_0395-2649\\_1960\\_num\\_15\\_1\\_421747.pdf](http://www.persee.fr/docAsPDF/ahess_0395-2649_1960_num_15_1_421747.pdf)> No Brasil, em comemoração ao centenário da primeira publicação a EDUSC o editou em português: SIMIAND, François. **Método Histórico e Ciência Social**. Tradução de José Leonardo do Nascimento. Bauru/SP: Edusc, 2003.

<sup>XXV</sup> DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. O momento metódico. In: **Correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. 2012. p. 69. e HARTOG, François. História, historiografia e tempo presente. 2012, p. 128.

<sup>XXVI</sup> SILVA, Bruno Hoffmann Velloso da. Encontros entre História e Sociologia: primeiros embates metodológicos na França. **História e Cultura**. 2014. p. 11.

# POR UMA LEITURA HISTÓRICA DOS DEBATES ENTRE SOCIÓLOGOS E HISTORIADORES (SIMIAND VS SEIGNOBOS)

ROSENILSON DA SILVA SANTOS  
ANTONIO MANOEL ELÍBIO JÚNIOR

- XXVII FLORES, Elio Chaves. *Cultura Histórica e Historiográfica na época de Fernand Braudel (1902 - 1985)*. In: CURY, Cláudia Engler; FLORES, Elio Chaves e CORDEIRO JR, Raimundo Cordeiro (Orgs.). **Cultura História e Historiográfica**: legados e contribuições do século 20. 2010, p. 96.
- XXVIII SIMIAND, François. Resenha ao livro *Introdução aos Estudos Históricos* de Charles-Victor Langlois e Charles. 1898. In: SILVA, Glaydson José da (Org.). **Textos Didáticos**: A 'Escola Metódica'. 2006. p. 63.
- XXIX (Idem, 2006, p. 68).
- XXX (Ibdem, 2006, p. 61 e 68).
- XXXI SILVA, Bruno Hoffmann Velloso da. Encontros entre História e Sociologia: primeiros embates metodológicos na França. **História e Cultura**. 2014. p. 11.
- XXXII Sociologia inspirada na proposição do pedagogo e filósofo Émile Durkheim que sistematizou em 1894 os pressupostos para o trabalho do sociólogo na obra "Regras do Método Sociológico.
- XXXIII CUNHA, Flávio Saliba. **História e Sociologia**. 2007. p. 11.
- XXXIV SIMIAND, François. **Método Histórico e Ciência Social**. 2003, p. 34.
- XXXV (Idem, p. 43).
- XXXVI SIMIAND, François. **Método Histórico e Ciência Social**. Tradução de José Leonardo do Nascimento. Bauru/SP: EDUSC, 2003. DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. **Correntes históricas na França**: séculos XIX e XX. 2012. p. 131. SILVA, Helenice Rodrigues. Charles Seignobos. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **Lições de História**: o caminho da ciência no longo século XIX. 2010, p. 378. IMALERBA, Jurandir. **Lições de História**: o caminho da ciência no longo século XIX. p. 380.
- XXXVII NOBERT, Elias. **Escritos & Ensaios**: Estado, processo, opinião pública. 2006, p. 189.
- XXXVIII LANGLOIS, Charles-Victor; SEIGNOBOS, Charles. **Introdução aos Estudos Históricos**. 1946, p. 154.
- XXXIX DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. O momento metódico. In: **Correntes históricas na França**: séculos XIX e XX. 2012. p. 129.
- XL NOIRIEL, Gérard. **Sobre las crisis de la Historia**. 1997. p. 220.
- XLI BENTIVOGLIO, Julio César. Desconstruindo Marc Bloch (1886-1944). Texto da Conferência. In: **XVI Encontro Estadual de História**. Associação Nacional de História - Seção Ceará (ANPUH-CE), 2014. DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. O momento metódico. In: **Correntes históricas na França**: séculos XIX e XX. 2012. p. 69. e HARTOG, François. História, historiografia e tempo presente. 2012, p. 133.
- XLII Sobre importantes mudanças no conceito de história ver: KOSELLECK, Reinhart. A configuração do moderno conceito de história; "História" como conceito mestre moderno. In: ENGELS, Odilo; GÜNTHER, Horst; KOSELLECK, Reinhart; MEIER, Christian. **O conceito de História**. Tradução René E. Gertz. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2013. p. 119 – 184; 185 – 222.
- XLIII DOSSE, François. História e historiadores no século XIX. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **Lições de História**: o caminho da ciência no longo século XIX. 2010.
- XLIV CUNHA, Flávio Saliba. **História e Sociologia**. 2007, p. 11.
- XLV NOBERT, Elias. Sobre a sociogênese da economia e da sociologia. In: NEIBURG, Federico; WAIZBORT, Leopoldo (Org.). **Escritos & Ensaios**: Estado, processo, opinião pública. 2006. p. 167.
- XLVI FERREIRA, Marieta de Moraes. **A história como ofício**: a constituição de um campo disciplinar. 2013.
- XLVII Essa reflexão é desenvolvida por Elias no texto "On the Sociogenesis of sociology", publicado em *Sociologisch Tijdschrift*, vol. 11, 1984, p. 14 - 82. No Brasil o texto foi traduzido, embora com o título diferente, o que é anunciado pelos tradutores, em: NOBERT, Elias. Sobre a sociogênese da economia e da sociologia. In: NEIBURG, Federico; WAIZBORT, Leopoldo (Org.). **Escritos & Ensaios**: Estado, processo, opinião pública. Tradução dos textos: Inglês, Sérgio Benevides; Alemão, Antônio Carlos dos Santos e Holandês, José Carlos Pijnappel. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed., 2006. p. 167 – 196.
- XLVIII NOBERT, Elias. Sobre a sociogênese da economia e da sociologia. In: NEIBURG, Federico; WAIZBORT, Leopoldo (Org.). **Escritos & Ensaios**: Estado, processo, opinião pública. 2006. p. 167 e 196.
- XLIX NOBERT, Elias. Sobre a sociogênese da economia e da sociologia. In: NEIBURG, Federico; WAIZBORT, Leopoldo (Org.). **Escritos & Ensaios**: Estado, processo, opinião pública. 2006. p. 171.
- L (Idem, 2006, p. 172). Essa, no entanto, não é a concepção de Reinhart Koselleck sobre a história dos conceitos em: KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v. 5, n. 10, 1992, p. 134 – 146. (*Palestra proferida no Graduiertenkolleg da Universidade de Siegen em 12 de junho 1991 e transcrita, traduzida e editada por Manoel Luís Salgado Guimarães*).
- LI CARDONA, Jaume Aurell. **La escritura de la memoria**: De los positivismos a los postmodernismos. 2005. p. 27.

# POR UMA LEITURA HISTÓRICA DOS DEBATES ENTRE SOCIÓLOGOS E HISTORIADORES (SIMIAND VS SEIGNOBOS)

ROSENILSON DA SILVA SANTOS  
ANTONIO MANOEL ELÍBIO JÚNIOR

- 
- <sup>LII</sup> NOBERT, Elias. Sobre a sociogênese da economia e da sociologia. In: NEIBURG, Federico; WAIZBORT, Leopoldo (Org.). **Escritos & Ensaios: Estado, processo, opinião pública**. 2006. p. 189.
- <sup>LIII</sup> SILVA, Helenice Rodrigues. Charles Seignobos. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX**. 2010, p. 378.
- <sup>LIV</sup> PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. 2008. p. 56.
- <sup>LV</sup> É em memória de Guy-P. Palmade que Antoine Prost oferece o ensaio 'Charles Seignobos revisité', publicado em **Vingtième siècle, Revue d'histoire**, n. 43, jul./set. 1994, p. 100 – 118. Disponível em: [http://www.persee.fr/doc/AsPDF/xxs\\_0294-1759\\_1994\\_num\\_43\\_1\\_3072.pdf](http://www.persee.fr/doc/AsPDF/xxs_0294-1759_1994_num_43_1_3072.pdf)
- <sup>LVI</sup> Antoine Prost refere-se a: PALMADE, Guy-P. Préface. In: SEIGNOBOS, Charles. **Histoire sincère de la nation française: essai d'une histoire de l'évolution du peuple français**. 7 ed. Paris: Quadrige/Presses Universitaires de France - PUF, 1969. (Original 1858?)
- <sup>LVII</sup> PROST, Antoine *APUD* PALMADE, Guy-P. In: **Vingtième siècle, Revue d'histoire**. 1994, p.101.
- <sup>LVIII</sup> PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. 2008. p. 72 - 73.

## BIBLIOGRAFIA

- BARROS, José Costa D'Assunção. **Teoria da História** - volume 2: Positivismo e Historicismo. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.
- BENTIVOGLIO, Julio César. Desconstruindo Marc Bloch (1886-1944). Texto da Conferência. In: **XVI Encontro Estadual de História**. Associação Nacional de História - Seção Ceará (ANPUH-CE), 2014.
- CARBONELL, Charles-Olivier. L'histoire dite positivista em France. Romantisme. **Revue de La Société des Études Romantiques**, n°21-22, Paris, 1978.
- CARDONA, Jaume Aurell. **La escritura de la memoria: De los positivismos a los postmodernismos**. València, Universitat de València, 2005.
- CUNHA, Flávio Saliba. **História e Sociologia**. Belo Horizonte, MG: Autêntica. 2007.
- DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. **Correntes históricas na França: séculos XIX e XX**. Traduzido por Roberto Ferreira Leal. Rio de Janeiro: Editora FGV; São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- DOSSE, François. História e historiadores no século XIX. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV; Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2010. p. 15-31.
- DOSSE, François. **La historia em migajas: de Annales a la 'nueva historia'**. Traducción Francesc Morató i Pastor. Universidad Iberoamericana, Santa Fe, México, 2006.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **A história como ofício: a constituição de um campo disciplinar**. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2013.
- FLORES, Elio Chaves. Cultura Histórica e Historiográfica na época de Fernand Braudel (1902 - 1985). In: CURY, Cláudia Engler; FLORES, Elio Chaves e CORDEIRO JR, Raimundo Cordeiro (Orgs.). **Cultura História e Historiográfica: legados e contribuições do século 20**. 2010.
- GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: CASTELNUOVO, Enrico; GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. **A Micro-história e outros ensaios**. Tradução Antônio Narino. Lisboa: Difel, 1989, p. 169-178.
- HOBSBAWM, Eric. A história britânica e os *Annales*: um comentário. In: \_\_\_\_\_. **Sobre História: ensaios**. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2013.

# POR UMA LEITURA HISTÓRICA DOS DEBATES ENTRE SOCIÓLOGOS E HISTORIADORES (SIMIAND VS SEIGNOBOS)

ROSENILSON DA SILVA SANTOS

ANTONIO MANOEL ELÍBIO JÚNIOR

---

KOSELLECK, Reinhart. A configuração do moderno conceito de história; “História” como conceito mestre moderno. In: ENGELS, Odilo; GÜNTHER, Horst; KOSELLECK, Reinhart; MEIER, Christian. **O conceito de História**. Tradução René E. Gertz. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2013. p. 119 – 184; 185 – 222.

KOSSELECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, CPDOC-FGV, v. 5, n. 10, 1992, p. 134 – 146. (*Palestra proferida no Graduiertenkolleg da Universidade de Siegen em 12 de junho 1991 e transcrita, traduzida e editada por Manoel Luís Salgado Guimarães*).

LACOMBE, Pierre [Paul]. **De l'histoire considérée comme Science**. Paris: Librairie Hachete, 1894. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k107900w/f7.item>

LANGLOIS, Charles-Victor; SEIGNOBOS, Charles. **Introdução aos Estudos Históricos**. Tradução: Laerte de Almeida Morais. São Paulo, SP: Renascença, 1946. (*L'introduction aux études historiques*, publicado originalmente em 1898).

MARTINEZ, Paulo Henrique. Fernand Braudel e a primeira geração de historiadores universitários da USP (1935-1956): notas para estudo. **Revista de História**. n. 146, 2002, p. 11-27.

NICOLAZZI, Fernando; **RODRIGUES, Henrique Estrada**. Entrevista com François Hartog: história, historiografia e tempo presente. **Revista História da Historiografia**. Ouro Preto, MG: n. 10, dez. 2012, p. 351-371.

NOBERT, Elias. Sobre a sociogênese da economia e da sociologia. In: NEIBURG, Federico; WAIZBORT, Leopoldo (Org.). **Escritos & Ensaios: Estado, processo, opinião pública**. 2006.

NOIRIEL, Gérard. **Sobre las crisis de la Historia**. Traducción Vicente Gómez Ibáñez Frónesis. Madrid, Espanha: Ediciones Cátedra, Universitat de València, 1997.

PROST, Antoine. Charles Seignobos revisite. **Vingtième siècle, Revue d'histoire**. n. 43, jul./set. 1994, p. 100 – 118. Disponível em: [http://www.persee.fr/doc/AsPDF/xxs\\_0294-1759\\_1994\\_num\\_43\\_1\\_3072.pdf](http://www.persee.fr/doc/AsPDF/xxs_0294-1759_1994_num_43_1_3072.pdf)

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008.

SEIGNOBOS, Charles. O método histórico aplicado às ciências sócias. In: MALERBA, Jurandir (org.). Tradução Helenice Rodrigues Silva. **Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 382-392.

SILVA, Bruno Hoffmann Velloso da. Encontros entre História e Sociologia: primeiros embates metodológicos na França. **História e Cultura**. Dossiê História e Sociologia - v. 3, n. 3 (Especial), dez. 2014. Disponível em: <http://periodicos.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/1054/1290>

SILVA, Helenice Rodrigues. Charles Seignobos. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV; Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2010. p. 375 – 392.

SIMIAND, François. **Método Histórico e Ciência Social**. Tradução de José Leonardo do Nascimento. Bauru/SP: EDUSC, 2003.

SIMIAND, François. Resenha ao livro *Introdução aos Estudos Históricos* de Charles-Victor Langlois e Charles. 1898. In: SILVA, Glaydson José da (Org.). **Textos Didáticos: A ‘Escola Metódica’**. Tradução Glaydson José da Silva. Campinas, SP: Unicamp/IFHC, 2006. p. 61 – 70.